

## Sogra Versus Nora: Se Odeiam, Se Amam ou Se Aturam?

Rafaela Sozo<sup>1</sup>

Tayse Riva Denti<sup>1</sup>

Silvana Baumgarten<sup>2</sup>

### Resumo

*Este trabalho investiga a percepção da relação nora e sogra depois de alguns anos de convívio familiar. A ideia consiste em analisar a qualidade dessas relações no âmbito familiar, já que tal fator pode interferir nos demais laços familiares. Foram participantes da pesquisa seis noras e suas respectivas sogras com idade entre 25 anos e 65 anos, sendo que as noras têm no mínimo três anos de casadas e sogra viva. Foram realizadas entrevistas com duração média de 40 minutos e as informações coletadas foram interpretadas por meio da análise de conteúdo, com a construção de categorias. Percebeu-se através da análise que as noras têm em relação às suas sogras, e vice-versa, o sentimento de ódio e o sentimento de amor, e também se aturam, pois elas são obrigadas a conviver juntas, é uma relação sem escolha.*

**Palavras-chave:** nora; relações familiares; sogra.

### **Mother-in-law Versus Daughter-in-law: Do They Hate, Love or Endure Each Other?**

### Abstract

*This study investigates the perception of the mother-in-law and the daughter-in-law relationship after a few years of family socializing. The idea consists on analyzing the quality of these relationships within the family, once this factor can interfere with other family relationships. It was involved in these research six daughters-in-law and their respective mothers-in-law, aged between 25 and 65 years, having the daughters-in-law a minimum of three years of marriage and the mother-in-law alive. It was used interviews with an average of 40 minutes duration. The information was interpreted by the content analysis, with the construction of categories. It was realized through the analysis that the daughters-in-law have in relation to their mothers-in-law, and vice versa, the feeling of hatred and the feeling of love, and they also endure themselves, because they are forced to live together, it's a relationship with no choice.*

**Keywords:** mother-in-law; daughter-in-law; family relations.

### Introdução

---

<sup>1</sup> Psicólogas formadas pela Universidade de Passo Fundo.

<sup>2</sup> Professora da Universidade de Passo Fundo, Doutora em Psicologia.

Este artigo aborda a relação sogra e nora no âmbito familiar, considerando a complexidade psicossocial envolvida e o fato de que as mesmas pertencem a gerações e sistemas familiares diferentes. Assim, este estudo foca-se na percepção da relação nora e sogra depois de alguns anos de convívio familiar, com o intuito de descrever qual é a visão da nora pela sogra e da sogra pela nora, bem como a relação familiar entre elas, já que isso pode vir a interferir positiva ou negativamente nas demais relações familiares, como as de mãe e filho, ou de marido e mulher.

Em qualquer relação amorosa mais séria, necessariamente existe a dupla sogra e nora, a não ser que a sogra seja falecida. Essa relação é inevitável e de escolha indireta, visto que se escolhe o parceiro e não sua família. Anton diz que “quem casa, casa com a família e não apenas com o parceiro” (1998, p. 88).

Sabe-se que há mitos no que diz respeito à relação entre sogra e nora, a maioria deles calcados em piadinhas maldosas direcionadas apenas às sogras. Collange (2001), sobre o tema, destaca que a imagem de sogra é vista de forma negativa ou ridícula, e que essas são taxadas como maníacas, autoritárias, indiscretas, intrometidas e superprotetoras. Batista (2004) afirma que não se pode negar o estigma da sogra em nossa sociedade, manifestado principalmente por anedotas, algumas das quais altamente depreciativas e compostas por expressões de desdém e intolerância.

### **Relacionamento sogra e nora**

De acordo com Bowditch e Samet (2004), qualquer mulher que tenha uma relação amorosa séria passa a interagir com os sogros e, conseqüentemente, terá uma sogra, exceto quando a mãe do parceiro já é falecida. Sattler et al. (2010), por sua vez, afirmam que, historicamente, em diferentes culturas, o senso comum confirma que sogras e noras têm dificuldades de conviver em uma relação harmoniosa, mesmo que isso não fique explicitamente demonstrado. Carter e McGoldrick (1989/1995) expõem que o triângulo problemático mais famoso para o casal é o que envolve a sogra, o marido e a esposa.

Ao falar de sogra e nora é possível observar que ao longo da história e em várias culturas o mais comum é que este relacionamento não seja descrito como uma fonte de suporte ou de prazer (Sattler et al., 2010). Emiliano (2005) complementa essa assertiva destacando que é notória a existência do preconceito que dificulta o estabelecimento saudável deste vínculo, o que faz com que se associe a imagem da sogra a uma pessoa inconveniente que precisa ser suportada.

Conforme Sattler et al. (2010), é interessante que se interrogue por que duas mulheres não conseguem se relacionar de maneira agradável, sabendo que tem em comum o amor do mesmo homem, embora naturalmente de naturezas diferentes. As mesmas autoras reconhecem que a relação sogra-nora acaba sendo uma relação obrigatória, pois o único elo existente que liga essas mulheres é o amor do filho/marido. Carter e McGoldrick ainda apontam que:

Sempre é muito mais fácil odiar nossa nora por impedir que nosso filho demonstre amor do que admitir que ele não responde tanto quanto gostaríamos. Pode ser mais fácil para uma nora odiar a sua sogra por ser “intrusiva” do que enfrentar o marido por não comprometer-se inteiramente com o casamento e definir uma fronteira em relação aos de fora (1989/1995, p. 200).

Surgem, assim, as implicâncias entre sogra e nora, cada qual com formas diferentes de lidar com acontecimentos, uma vez que pertencem a famílias e gerações diferentes, o que pode gerar a discórdia entre essas mulheres. De acordo com Bowditch e Samet (2004), somos produtos das nossas famílias, que são uma parte de nós. Dizem ainda os autores que “frequentemente a mulher terá dúvidas quanto a se casar com um homem cuja família é insuportável. Por outro lado, há casamentos que permanecem intactos por causa do amor que existe entre a sogra e a nora” (p. 13).

Bowditch e Samet (2004) afirmam ainda que, às vezes, nem a sogra e nem a nora sabem onde se apoiar, pois existem diferenças socioculturais e de geração, chegando a pensar que não terão um relacionamento bem sucedido devido a essas disparidades. Ainda assim, destacam os autores, é mais fácil ficar com os padrões que já existem do que criar novos ou modificá-los. Sendo assim, muitas mulheres não querem se adaptar às novas regras familiares, ou ainda, querem que as regras de sua família de origem prevaleçam na família do cônjuge, causando, desse modo, um atrito com os sogros.

É muito importante, nesse contexto, ressaltar o papel que a nora desempenha na relação, pois não é só da sogra a responsabilidade para que a relação entre essa díade familiar seja afetuosa. Bowditch e Samet referem que “o que é agradável e familiar para uma pessoa pode causar desconforto ou estranheza para outra” (2004, p. 73).

No entanto, o que se percebe recorrentemente é que a sogra é vista como o problema da relação. Conforme Rossi (1994, In Chiapin, Araújo, & Wagner, 1998), a sogra já se tornou um mito, pois, em qualquer cultura, a ela está associada uma imagem de pessoa inoportuna, que deve ser suportada por qualquer pessoa em algum momento de sua vida. Do mesmo modo, apontam Carter e McGoldrick (1989/1995) que é importante não esquecer o sexismo de nossa cultura, que põe a culpa na sogra e não no sogro, que é visto, geralmente, como aquele que desempenha um papel bondoso.

Leitão relata esse preconceito da seguinte forma: o sogro é visto como um segundo pai, o amigo; já a sogra é vista como “a velha chata, importuna, linguaruda, mandona que sempre quando pode mete o nariz onde não é chamada” ((1988, p. 37). No mesmo sentido, destaca que “enquanto o genro é visto como o filho, aquele para quem a mãe da mulher faz os melhores quitutes, a nora é a rival, a peste, aquela que rouba o filho” (p. 38).

Collange (2001) afirma que é a mãe do homem que é considerada a mais difícil de aturar: a mãe da mulher não está a salvo de críticas, mas as brincadeiras em relação a ela são mais leves. Continua destacando a autora que, como mães, elas se queixam mais de suas filhas, raramente de seus filhos, e já como sogras, elas sistematicamente acentuam as divergências com suas noras, mas raramente se queixam de seus genros.

Assim, enquanto a sogra pode ver a nora como alguém que lhe rouba o filho, a nora pode ver a sogra como rival, e as duas passam a disputar o amor do mesmo homem. De acordo com Anton (1998), na maioria dos casos, pode-se ver que não é possível evitar um sentimento de ameaça, e com isso há o surgimento do caos. A mãe, por sua vez, critica a mulher do filho (nora) fazendo, assim, com que a relação dela (mãe) com o filho seja mais forte, sendo ela a personagem central da história, como a de antes do filho constituir uma nova família.

Collange (2001), a qual conta sua própria experiência de ser sogra, destaca que, “enquanto nossos filhos estão apaixonados, devemos ter muito cuidado em relação aos seus parceiros; genros e noras têm um trunfo que não temos: o domínio pela sexualidade”.

Grinsberg e Grinsberg (2005, In Sattler et al., 2010) referem que para a mãe que gerou, educou e acompanhou o desenvolvimento do filho, muitas vezes é difícil “entregá-lo” a outra mulher. Emiliano (2005) argumenta que se a ligação é muito estreita entre mãe e filho, a situação pode se tornar mais difícil, principalmente se houver convivência sob o mesmo teto.

Essa relação simbiótica entre mãe e filho fica clara, quando Sattler et al. (2010) afirmam que as mães que não conseguem se separar dos filhos se sentem ameaçadas quando outra mulher entra na vida deles, isso porque as mães mantiveram uma ligação simbiótica com o filho, o que acaba por implicar a existência de um exagero na relação mãe e filho. E como afirmam Carter e McGoldrick (1989/1995), o casamento representa a modificação de dois sistemas inteiros e uma sobreposição que envolve um terceiro subsistema, o casal.

Complementando, Collange (2001) afirma que, ao se casar, o casal forma um estilo de vida, que é a mistura do temperamento e da cultura dos parceiros; se esse estilo difere muito do dos seus genitores, acaba se instalando um mal-estar entre as duas gerações.

Minuchin e Fishman (1990) deixam claro que quando existem conflitos não resolvidos em família, isso tende a se tornar estereotipado e um erro repetitivo, cujo resultado consiste no fato de que se acaba focando só nas deficiências. A questão do relacionamento de sogra e nora cai sempre nesse mesmo dilema. Por outro lado, se as fronteiras familiares estiverem claras, a sogra pode ser vista como uma segunda mãe, aquela que ajuda dando conselhos, que ajuda a criar os netos, de tal forma que a nora possa a ser vista como uma filha. Bowditch e Samet afirmam:

Os relacionamentos familiares (onde se inserem nora, sogra, marido/filho), podem desencadear tanto um processo de descoberta, aceitação, integração e a geração de um senso comum, quanto um processo conflituoso no qual mágoas são acentuadas, podendo levar à ameaça ou à ruptura efetiva da relação matrimonial. Em ambos os processos, contudo, o relacionamento da tríade pode evoluir em direção ao amadurecimento, independência e emancipação (2004 In Sattler et al., 2010, p. 55).

Emiliano complementa que “a competitividade pode ter fim na medida em que ambas consigam crescer emocionalmente e percebam que cada uma tem o seu próprio espaço” (2005, p. 1). Há, portanto, a possibilidade de que se estabeleça uma relação saudável entre sogra e nora, facilitando a vivência do casal.

## **Metodologia**

Participaram desta pesquisa uma amostra de seis sogras e seis noras, que foram selecionadas intencionalmente, em atenção a um critério de que tivessem idade entre 25 e 65 anos e de que as noras estivessem casadas no mínimo há três anos. Todas as entrevistadas são residentes de uma cidade de médio porte do interior do Rio Grande do Sul, de colonização italiana. Esta pesquisa foi

aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Passo Fundo (parecer número 278/2011) e todas as entrevistadas assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

Foi utilizado como instrumento uma entrevista semiestruturada, abordando a percepção da relação nora e sogra depois de alguns anos de convívio familiar, com questões como: primeira impressão de sua sogra/nora; percepção hoje de sua sogra/nora; pontos positivos da sua sogra/nora; pontos negativos da sua sogra/nora; estratégias usadas para manter a qualidade da relação com sua sogra/nora; mudanças na relação com sua sogra/nora em períodos diferentes (antes e depois do casamento, antes e depois do nascimento dos filhos).

Os encontros foram individuais e realizados no domicílio das entrevistadas, em dia e horário combinados previamente. Foram gravados na íntegra para posterior transcrição e tiveram uma duração média de 40 minutos a uma hora, de acordo com cada situação e cada indivíduo. Salienta-se que, depois de transcritos, os registros digitais das entrevistas foram apagados, bem como os relatos das entrevistas da maneira como foram expostos. A utilização de nomes fictícios para cada entrevistada e a omissão de qualquer dado que pudesse estabelecer qualquer vínculo com as envolvidas não permitirão sua identificação, preservando seu anonimato.

No quadro demonstrativo a seguir apresentamos alguns dados das mulheres entrevistadas:

Quadro 1: Informações sobre as entrevistadas na pesquisa.

Dados das entrevistadas	Nome fictício	Idade	Tempo de casada	Filhos
Sogra 1	Verônica	46 anos	25 anos	2 filhos
Sogra 2	Margarida	62 anos	37 anos	2 filhos
Sogra 3	Hortência	53 anos	32 anos	2 filhos
Sogra 4	Magnólia	65 anos	45 anos	3 filhos
Sogra 5	Rosa	65 anos	45 anos	3 filhos
Sogra 6	Dália	60 anos	39 anos	3 filhos
Nora 1	Safira	40 anos	13 anos	2 filhos
Nora 2	Kiara	25 anos	4 anos	2 filhos
Nora 3	Ágata	35 anos	4 anos	-
Nora 4	Angel	29 anos	6 anos	1 filhos
Nora 5	Jasmim	25 anos	4 anos	-
Nora 6	Esmeralda	40 anos	13 anos	3 filhos

## Resultados, análise e discussão dos dados

Para melhor compreender e poder discutir os dados encontrados nas entrevistas realizadas, os achados foram divididos por categorias e comparados, quando possível, com a literatura, que não é muito vasta no assunto.

### **Categorias de análise**

**Quem casa quer casa:** Todas as noras entrevistadas moram perto da sogra, aspecto característico da cultura italiana, pois mesmo tendo condições financeiras de morar separado, acabam morando junto ou próximo da família de origem do cônjuge. Apenas uma das noras expressa que apesar de morar próximo de sua sogra encontrou a sua privacidade. Diz Ágata: “ela é na dela, eu achei até que pela parte geográfica de um morar ali, outro ali e outro ali, devia ter mais, sabe. Mas não, ela respeita sabe, então tipo a porta fechada ela aberta, como eu na casa dela aperto, ninguém assim sabe” [sic].

Mas nem sempre morar perto dos sogros é algo que agrada as noras, isso apareceu em alguns comentários que as noras fizeram, pois no início do casamento elas querem a sua privacidade com o marido, não querem que a sogra ou outros familiares fiquem se intrometendo na vida do casal. A nora Angel manifesta: “não adianta, quem casa quer casa e quer morar sozinha né, então a gente teve esse desentendimento nessa parte” [sic]. Nesse mesmo contexto a nora Ágata satiriza a situação: “nem tão perto que venha de chinelo e nem tão longe que venha de mala, né” [sic]. Outra nora também expressa esse sentimento, é a nora Jasmim: “Eu prefiro cada uma no seu canto, cada uma na sua casa” [sic].

A mulher quando casa leva consigo a sua cultura e seus costumes, que vai dividir com seu marido, e este, por sua vez, leva junto também a cultura e os costumes de sua família de origem. Então a nora não deseja que sua sogra interfira na sua relação de recém-casada, querendo, assim, que cada uma tenha o seu espaço.

Morar com a sogra e o sogro pode trazer atritos, pois exige muito da cultura e dos costumes das pessoas envolvidas. A nora Esmeralda diz: “a gente não mora junto, mas é praticamente junto, porque é na mesma casa... eu sentia assim, que aqui era o território dela, que aqui era ela que mandava, que se eu quisesse meu espaço, eu ia ter que conquistar meu espaço fora daqui” [sic]. Assim, a nora mostra que não se sente totalmente livre na própria casa, precisa crescer fora dali, denotando que há uma invasão – mesmo que sem a intenção da sogra ou dos demais familiares – na vida do casal, quando moram na mesma casa ou em um espaço muito próximo.

Uma das noras, quando interrogada sobre como era morar na mesma casa que a sogra, respondeu: “Às vezes cansa, sabe tu quer o teu canto, que nem aqui eu tenho a minha casa, mas eu só durmo na minha casa, eu não almoço, eu não janto, tudo com a minha sogra, tudo na casa da minha sogra” [sic] (nora Kiara). Uma das sogras compartilha da mesma avaliação, referindo-se à sua vivência como nora: “tu casou, ah tu quer o marido pra você né, e como eu morei sempre pertinho, ele [marido] vinha do trabalho e sempre passava na sogra, depois vinha para casa” [sic] (sogra Hortência).

Muitas vezes quando as noras residem muito próximas das sogras elas podem sentir que têm a sua privacidade invadida. Esta pesquisa permitiu, portanto, que se verificasse que as noras se sentem invadidas em morar tão próximo da sogra. Percebemos que as noras, quando casam, querem ter a sua própria casa, não desejando morar junto ou muito próximo da sogra, e, se morarem perto, que consigam ter seu espaço reservado com o esposo.

As noras também usam a relação com suas sogras como exemplo a ser seguido, ou não. Algumas sogras, contrariamente ao estabelecido popularmente de que a sogra faz intriga, em situações de briga entre o casal, posicionam-se em defesa da nora.

**Existe respeito entre sogras e noras?** Algumas sogras veem que as noras não respeitam mais as sogras, como elas o faziam, o que pode ser comprovado pelas falas da sogra Margarida, que demonstra insatisfação com a nora: “ela [nora] foi se achando, e daí ela ficou dona da situação e eu virei empregada, que tanto é que esses dias ela respondeu pra mim ali e pra ele [filho] que se eu quisesse que ela fizesse o serviço, eu pagasse um salário pra ela, só que não é assim” [sic]. Prossegue Margarida: “eu não sei, hoje em dia é diferente, a gente namorava e nem ia na casa da sogra, e daí ela veio pra cá tudo e já fico aqui” [sic]. A sogra Hortênsia fala do respeito: “e sei lá, respeitar, porque não adianta, o respeito, ele é bonito, só que todo mundo tem erros a gente também tem, é humano, a gente também erra, só que eu acho assim, que quando a gente erra a gente tem que aprender a descer o degrau e pedir desculpa” [sic].

Já quando a sogra Margarida fala da própria sogra, diz: “eu nunca retuquei ela” [sic]. A sogra Hortênsia mais uma vez usa o exemplo de sua sogra e conta que embora visse que a mãe de seu marido estava errada, não se manifestava, porque tinha que respeitar os mais velhos, e quando interrogada se a nora a respeita por ser mais velha, Margarida responde: “Muitas vezes não, muitas vezes ela até assim responde, a gente vê que é pra gente, certas vezes, mas eu fico quieta, mas eu fico quieta” [sic]. Isso mostra que a sogra nota que a nora não tem respeito por ela como ela gostaria que fosse, assim como ela fazia com sua sogra, “Eu nunca retuquei ela, nunca, nunca, nunca. Eu, às vezes, via que ela tava errada, eu nunca falava. Outra, eu casei e minha mãe sempre dizia que tem que ficar quieta, tem que respeitar os mais velhos” [sic].

A questão da idade, tanto das sogras como das noras, influencia essa diferença no contexto do respeito e do desrespeito, pois elas foram criadas em gerações diferentes. Na época das sogras a cultura e os costumes eram mais rígidos, atualmente isto se modificou, tornando-se mais liberal, sendo provável que mude mais ainda com a chegada e a criação dos netos. A sogra Hortênsia exemplifica: “depois do filho [neto], assim, eu vejo assim que o dia de hoje pessoas mais novas, assim, não..., não vão pelo que tu sabe, elas vão às vezes pelo que os outros de fora dizem” [sic].

No que se refere às noras, elas não falam muito sobre essa questão de respeito entre elas e suas sogras, mas duas noras se manifestaram da seguinte forma: a nora Angel que expressa a ideia de que “eu percebo assim, que a gente tem que respeitar as pessoas, que cada uma tem uma maneira de ser né, ela tem a maneira dela assim como eu tenho a minha” [sic]. Em outro momento também destaca “então eu casei com o filho dela, então eu tenho que respeitar ela como minha sogra, mas não é porque eu tenho 29 anos que eu não exijo respeito das pessoas, né” [sic]. A nora

Ágata, por sua vez, diz: “ela é na dela, eu achei até que pela parte geográfica de morar um ali outro ali e outro ali devia ter mais sabe, mas não, ela respeita, sabe” [sic].

As sogras contam que as noras não têm o mesmo respeito que elas tinham com suas sogras, já as noras não abordam muito este assunto, mas dizem que também querem ser respeitadas.

**Ciúme entre sogras e noras:** A sogra Margarida conta que seu filho diz que a nora está com ciúme dela, “mãe, ela [nora] tá numa ciumeira, mas que ciumeira? Do que? Ah, porque diz que eu trato você [mãe] melhor que ela [nora], e ela tava ali, daí eu olhei e disse, mas por quê? [sic]” A fala da sogra Hortênsia também revela um pouco da sua ideia: “eu acho que nunca a gente não quer perder o filho, como mãe a gente não quer perder o filho e elas, elas têm aquele ciúme, eu acho da mãe, né” [sic]. Hortênsia fala de si mesma como nora e de sua própria sogra: “a gente tinha aquele ciúme” [sic]. Já no caso da sogra Dália, a situação é um pouco diferente, ela afirma que a filha tem ciúme da relação dela e da nora. Diz Dália: “Eu um pouco é por causa da menina [filha], ela tem ciúme, e daí porque o namorado não está aqui, daí ela não quer muito que eu faça janta ou almoço para convidar mais a família” [sic].

A única nora a falar sobre esse sentimento foi Ágata, que tem a seguinte visão: “acho que independente do tipo de relação, tem ciúme entre nora e sogra, sabe, é uma relação de disputa, independente da idade... quando tu é namorada, tu mantém assim uma relação cordial, depois que tu casa passa a ser mais disputada, acredito” [sic]. Ainda em seu relato Ágata destaca que a sogra “se faz de vítima” [sic] para conseguir que a atenção do filho se volte só para ela [sogra], o que denota sua interpretação de que o ciúme vem mais por parte da sogra, pois afirma “tu já tem o teu lugar, então ela sempre tem um lugar, ela sempre vai ter o lugar dela e eu vou ter o meu lugar, somos diferentes, aquela vez a psicóloga disse assim: são dois amores e você ainda tem o *plus* da sexualidade que ela não tem” [sic]. A relação entre a sogra e a nora não é uma relação por “opção”, assim como seria uma amizade, em que você escolhe o seu amigo por afinidades. A relação da nora com a sogra, ou vice-versa, acontece por necessidade, ou seja, por certa obrigação, pois a mulher escolhe o seu companheiro, que irá ser seu marido – e que necessariamente terá uma mãe, com a qual ela, a nora, terá de conviver. Essa nova relação não é fácil, tanto para a nora quanto para a sogra, que também não tem a opção de escolha. E, como agravante, se existir ciúme nessa relação, a convivência pode se tornar ainda mais conturbada.

O assunto ciúme teve, durante as entrevistas, grande repercussão, pois as sogras dizem que as noras têm ciúme delas com os filhos, e as noras dizem que é a sogra que sofre com a entrada de outra mulher na vida do filho/esposo. Isso só não aparece nas duplas em que cada uma sabe que ocupa um lugar diferente e de amor na vida do mesmo homem.

**Primeira impressão – visão das sogras:** Das seis sogras, cinco tiveram de suas noras uma primeira impressão boa. A sogra Rosa conta que não conhecia, mas “a primeira impressão foi boa” [sic]. Já a sogra Dália menciona “Eu gosto muito dela né, porque assim, eu sempre digo obrigada Deus, porque o meu filho conseguiu uma pessoa para ele” [sic]. A sogra Hortênsia comenta que chegou a se identificar com a nora “Olha a minha primeira impressão que nós íamos se entender... o

jeito dela, eu peguei o jeito dela como o meu” [sic]. Já a sogra Verônica explana: “Bonita, achei ela bonita, o primeiro olhar assim, achei ela bonita” [sic] e a sogra Magnólia revela sua expectativa: “Ah, a minha impressão era que ela né... que ela viesse morar ali, se dar bem” [sic]. A única sogra que não gostou da primeira impressão da nora foi Margarida, que confessa: “a primeira impressão, aparentemente era boa, boa aparência e tudo, mas eu não gostei do conteúdo né, mas fui obrigada a engolir” [sic].

**Primeira impressão – visão das noras:** a maior parte das noras relata que teve boa impressão de suas sogras. A nora Safira gostou muito de sua sogra no primeiro dia que a viu, tanto que traduz a primeira impressão como: “meu Deus, maravilhosa” [sic]. Conta que além de ter gostado de sua sogra logo de início, demonstrou admiração. A nora Ágata diz que a primeira impressão foi de que a sogra se tratava de uma pessoa boa, e conta que elas já se conheciam antes, mas apenas na relação através do seu trabalho, “de cara vi que eu não ia ter problemas assim de relacionamento, uma pessoa de fácil convívio” [sic]. Já a nora Esmeralda afirma ter visto “que era uma pessoa assim de uma personalidade bastante forte, bastante dinâmica, bastante avançada para a cultura dela” [sic]. A outra nora que teve a primeira impressão boa de sua sogra foi Jasmim, que apenas diz “boa” [sic].

As noras que não tiveram uma boa impressão de suas sogras foram duas. Kiara é direta quando diz que “ela era ruim” [sic] e Angel, embora não com a clareza expressada por Kiara, revela: “a primeira impressão, de uma pessoa autoritária” [sic]. Essa manifestação parece demonstrar a insatisfação sobre quando conhece sua sogra.

**A primeira impressão é a que fica?** Todas as sogras revelaram a mesma impressão, algumas delas referem que a nora mudou, mas a primeira impressão foi mantida. Aquelas, no entanto, que manifestaram acreditar que a nora mudou, disseram que essa mudança foi para melhor. Como exemplo, trazemos a fala da sogra Magnólia: “hoje eu percebo que ela mudou bastante né, daquela vez e agora, tem mudado bastante” [sic]. Ainda, quando questionada se acreditava que a nora havia mudado para melhor ou para pior, respondeu: “Foi pra melhor, acho eu” [sic]. Da mesma forma se posiciona a sogra Hortênsia: “eu acho que é quase a mesma” [sic], mas avalia que a nora mudou, como todo mundo muda, no entanto, a primeira impressão, boa, se manteve. A sogra Rosa explana que a nora “Não mudou em relação . . . mas assim a nossa convivência é assim acho que é bem boa pra ser entre sogra e nora” [sic]. Da mesma forma, a sogra Dália afirma: “Eu quero bem ela assim, porque eu vejo assim que uma hora a gente precisa dela, e a gente se ajuda né, que nem ontem, eu fui almoçar com eles, sim eu gosto dela, eu digo assim porque assim a gente é uma família né, tanto gosto que quero que ela engravide, tenha um filho também né, e rezo por eles sempre” [sic]. Verônica afirma que, “Hoje... aquela que tem ficou” [sic], e, ao ser interrogada se tinha uma impressão boa da nora, responde: “Sim, boa” [sic]. A primeira impressão sobre a nora também foi mantida pela sogra cuja avaliação não foi positiva, Margarida: “Ela não mudou, ela continua a mesma, eu tenho ainda a mesma impressão” [sic]. Para as sogras, a primeira impressão é a que fica.

Para as noras a primeira impressão não é a que a fica, mas mesmo assim a pesquisa realizada por Collange (2001) mostra que ao envelhecer as sogras tendem a ficar mais rígidas e as noras mais

confiantes e seguras com o passar do tempo, sendo assim, quanto mais o tempo passa, mais as divergências se acentuam, sendo pouco provável que as coisas melhorem, ocorrendo casos de afastamento progressivos.

Tais dados não são, contudo, confirmados na pesquisa realizada, uma vez que mesmo as sogras mantendo a mesma impressão de suas respectivas noras e as noras mudando a primeira impressão de suas respectivas sogras, ambas argumentam que não tiveram maiores problemas com o passar do tempo. Nessa direção a nora Ágata refere “com o tempo melhora, sim, com o tempo vai melhorar, sabe aquele velho ditado ridículo que, com o andar da carroça as abóboras se ajeitam, é funciona, porque no início eu briguei por algumas coisas que hoje eu não brigaria mais” [sic]. Outra prova disso está na fala da nora Esmeralda, quando conta sobre seu sentimento em relação à sua sogra: “já me incomodou muito, acho que no início do nosso casamento quando eu era bastante imatura e não entendia essas relações de poder, hoje não” [sic]. A sogra Magnólia conta que no começo teve problemas com a nora, mas que hoje tentam superar e não há mais conflitos como no início: “Ah teve sim, umas coisinhas assim, mas a gente sempre tenta superar depois, agora ultimamente a gente já não fala mais nada né daí... fica tudo na santa paz” [sic].

Para as noras, quanto à primeira impressão das sogras, as opiniões estão divididas: duas noras permanecem até hoje com aquela primeira impressão, outras duas noras mudaram a impressão ruim para uma boa impressão (hoje) de suas sogras, e as outras duas noras mudaram a impressão boa que tinham das sogras para uma impressão não tão boa.

Das noras que continuam com a mesma impressão, uma delas, Safira, relata que “a mesma impressão da primeira vez que eu vi continua até hoje” [sic]. A segunda nora a dizer que a impressão permaneceu foi Esmeralda, que ressalta que a sogra é assim como ela: “ela é assim como eu, de acordo com essa primeira impressão que eu tive” [sic].

A nora Kiara, que foi uma das duas noras que mostraram que a impressão de sua sogra mudou para uma impressão melhor, fala “hoje ela é como uma mãe pra mim . . . ela nunca me deixa pra trás, sabe” [sic]. A nora Angel, que também mudou a sua impressão para melhor, de respeito com sua sogra, diz que agora ela entende a sua sogra porque “cada um tem a maneira de ser, ela tem a maneira dela, assim como eu tenho a minha” [sic].

Já as duas noras que mudaram sua impressão a respeito das sogras, de boa para ruim, demonstram que o que fez isso mudar foi a convivência. A nora Ágata fala que a sogra é uma pessoa boa, mas que com a convivência foi vendo os outros lados da mãe de seu marido: “com a convivência tu vai vendo a pessoa por várias faces né” [sic]. E a nora Jasmim diz: “hoje já não me dou muito bem com ela” [sic]. E por não estar se dando bem com a sogra, relata: “tanto que nós saímos da casa aí onde era deles e compramos aqui” [sic].

Na maioria, tanto as sogras quanto as noras tiveram uma boa impressão no primeiro encontro, embora tenha havido uma minoria que não teve uma primeira impressão tão boa. Para as sogras, a primeira impressão foi a que ficou, enquanto que as noras mudaram sua percepção com o passar do tempo.

**Pontos positivos – visão das sogras:** Quando a sogra vê pontos positivos na nora, ela também vê os negativos. A maioria delas, embora questionadas sobre o que via de positivo nas noras, já foi apontando também os negativos, sem saber que esse era o tema sobre o qual falariam logo na sequência. Tem-se o exemplo da sogra Rosa, que fala bastante das qualidades da nora, mas no meio de sua fala acaba apontando um defeito: “. . . deixou de trabalhar fora pra se dedicar mais à família, isso ai né, apesar de que às vezes a renda é insuficiente, faria falta aquele salário” [sic]. Na próxima explanação isso fica ainda mais claro, com a sogra Margarida: “Olha, ela é muito boa, ela é boa de coração, o que tu pedir pra ela, ela faz o possível, e ela é assim, ela gosta muito de fazer coisas de artesanato, pintura, ela faz unha, o serviço de casa assim não, dai ela não faz nada, e se faz, faz tudo meio matado, ela tem os pontos, os únicos dois pontos negativos que ela tem é esses dois, gastadeira, não tem limite e briguenta, se avança, e assim a boca muito suja, meu Deus ela não olha o que o que vai dizer, palavrão, então pesa né” [sic]. A sogra Hortênsia não deixa explícito em sua fala, mas comenta que a nora muda muito fácil de humor. Ao ser perguntada qual era o ponto negativo da nora, Hortênsia responde: “ela muda assim, de repente tu, não, a gente acha que não fez nada para ela, mas pode ser que a gente até fez, porque às vezes meia palavra quando, para certas pessoas, assim, ela muda” [sic]. A sogra Magnólia, assim como a sogra Hortênsia, fala sobre os pontos positivos, mas no meio da fala aparece algo negativo. Não deixa claro, mas diz: “Ah qualidades boas, ela tem bastante, eu já acho, só que ela da maneira dela, eu do meu jeito, porque ela assim, ela estuda, ela faz os trabalhos dela, ela faz tricô, faz coisas, só que a gente vê as coisas diferentes, a gente faz lá fora, a gente procura fazer os outros trabalhos” [sic].

Apenas algumas sogras conseguiram se conter, falando apenas pontos positivos. As sogras Verônica e Dália citam uma lista de qualidades das noras. A sogra Dália aponta: “Sim, ela é sempre feliz, faceira, ela diz sempre assim: que eu sou pai e mãe. A (nora) é uma pessoa sempre feliz, bem querida né, dai a gente também fica” [sic].

**Pontos positivos – visão das noras:** Todas as seis noras entrevistadas encontram vários pontos positivos em suas respectivas sogras. As noras Kiara, Jasmim e Ágata, em suas falas, dizem que suas sogras são prestativas. Kiara diz que a sogra também é companheira: “ela é prestativa e assim bem companheira” [sic]. Outra nora a dizer que a sogra é prestativa foi Jasmim, que expressa “ela é bem prestativa como pessoa, gosta de ajudar” [sic]. Outras duas noras, Safira e Jasmim, consideram as sogras como boas pessoas. Safira ainda aponta outra qualidade em sua sogra: “é uma pessoa boa, uma pessoa sincera . . . batalhadora” [sic]. Jasmim, por sua vez, que já considerava a sogra prestativa, também diz que esta “é uma pessoa boa” [sic]. As demais noras, Angel e Esmeralda, têm visões diferentes, consideraram suas sogras com outros pontos positivos; a nora Angel diz: “ela procura sempre me tratar bem, me agradar” [sic]. A nora Esmeralda comenta sobre sua sogra: “a liderança, a visão de mundo . . . visão de mundo bastante ampla... o relacionamento que ela tem com os netos, com a família, assim aquela... aquele sentimento de agregar, de manter unida” [sic].

**Pontos negativos - visão das sogras:** Nos pontos negativos, cinco das sogras falam da nora sem nenhum problema, cada uma explanando os defeitos das noras. A sogra Rosa diz: “ela é muito estressadinha . . . ela é bastante nervosa, mas assim normal” [sic]. A sogra Margarida explanou na pergunta dos pontos positivos que a nora tinha os defeitos de gastar demais e falar palavrões, enquanto a sogra Hortênsia falou que a nora muda de humor muito rapidamente. A sogra Dália diz: “gostaria das vezes a gente falar mais, mais aconchego, gostaria assim de nós conversarmos mais junto” [sic]. Já a queixa de Verônica é: “ela fica fechada, entendeu, ela não fala” [sic].

A única, das seis sogras que não apontou pontos negativos foi Magnólia, que faz a seguinte fala: “Ah, sei lá, se tiver negativo também, eu também tenho e não adianta . . . Eu procuro assim, não falar mal, nunca mal, né, conversar com as pessoas nunca falar assim, né, porque não adianta falar mal, eu vou falar dela, ela vai falar de mim, eu acho isso, daí eu não tenho o porquê falar, cada uma faz as coisas dela daí.....eu acho que é isso” [sic]. Ao ser perguntada se teria alguma coisa que gostaria que fosse diferente, Magnólia tem a seguinte resposta: “Mas ela também gostaria que eu fosse diferente, mas o que que se vai fazer” [sic].

Observou-se nas explicações acima que as sogras não acharam tantos pontos negativos nas noras, o que contraria a cultura e o preconceito de que a sogra está sempre falando mal da nora. Isso também pode ser observado na visão das noras, o que pode encontrar justificativa no fato de que sogras e noras, hoje, são mais ativas, não sobrando tempo para implicâncias.

Talvez pelo motivo de que as mulheres costumam trabalhar fora e fazerem mais atividades que antigamente, as sogras não falaram tanto dos pontos negativos das noras, pois convivem menos tempo e mais harmoniosamente. Essa falta de tempo para uma convivência maior implica o fato de que também não sobra tempo para brigas.

**Pontos negativos – visão das noras:** Para as noras parece que não foi muito fácil achar pontos negativos em suas sogras. Duas delas destacam o mesmo ponto negativo de suas sogras, o de ser intrometida. A nora Jasmim diz que “ela quer saber muito das coisas que não interessam para ela” [sic], e a nora Kiara também corrobora: “às vezes ela se mete demais” [sic]. As demais noras acham pontos negativos em suas sogras, mas de naturezas diferentes. A nora Esmeralda tem uma queixa bem contrária à anteriormente citada, referindo: “na criação dos filhos dela, ela assim meio que abafou a personalidade deles” [sic]. A nora Angel considera a sua sogra “pessimista, às vezes, por exemplo, certas coisas eu coloco, ah, mas não é assim, sempre foi assim, eu já me acostumei[sic]”. Quem encontrou mais dificuldade para achar um ponto negativo em sua sogra foi a nora Safira, diz ela que a sogra é como uma mãe para ela, e salienta um único aspecto negativo em sua sogra, qual seja a sinceridade em excesso: “eu acho assim que tem um só, que ela é sincera demais e às vezes ela não percebe que por ela ser sincera demais, algumas vezes ela, não é que magoa, mas tem coisas assim que tu não ouve nem da mãe da gente” [sic]. Já a nora Ágata é bem direta no que diz respeito ao ponto negativo de sua sogra: “eu acho que é esse de se fazer de vítima, de se colocar numa situação muito de coitada, então, tipo, ela não chega e não diz eu precisaria ir, agora, no hospital, se vocês pudessem me levar para visitar alguém, não, ela arrodeia, aí porque daí coitada,

porque daí tudo bem, eu vou a pé, assim sabe se coloca numa situação de coitada para conseguir as coisas” [sic].

No que diz respeito aos pontos positivos é importante ressaltar que todas as noras falaram bem de suas sogras, e as sogras também falaram bem das noras, mas algumas sogras, ao falar sobre os pontos positivos já destacaram também os negativos. Já no que concerne aos pontos negativos, tanto sogras quanto noras tiveram certa dificuldade para achá-los.

**Estratégias para manter a qualidade na relação:** Cada uma das sogras usa a estratégia que mais convém para o tipo de relação que tem com a nora. A sogra Rosa afirma: “eu sou meio chantagista mesmo, o que eu vou te dizer de estratégia... procuro fazer uma jantinha, a gente procura fazer um joguinho de noite” [sic]. A sogra Dália destaca: “eu sempre quando vou a algum lugar, eu gosto de levar as coisas assim, eu sempre levo uma lembrança” [sic]. A sogra Margarida diz: “a estratégia que eu uso é de não ser falsa para ela” [sic]. Para a sogra Hortênsia: “fechar a boca o máximo possível, porque a gente tem uma boca e dois ouvidos, eu procuro fechar bastante a boca . . . eu rezo isso todos os dias, para mim fechar a boca, e abrir a boca para a palavra certa, para hora certa, para pessoas certas, eu cuido muito disso, porque às vezes o que mais fere é a palavra. Eu cuido esse lado” [sic]. Ao contrário da sogra Hortênsia, a sogra Verônica acha que “Conversar, eu acho, é a melhor saída” [sic]. A sogra Magnólia usa a estratégia de “tentar fazer o possível para fazer as coisas melhor né, tentar assim fazer alguma coisa que ela gosta, acho eu” [sic], e expõe que outra estratégia é não falar mal da nora, “se é para sair, ir passear e para ir falar da nora, para falar mal, eu fico em casa, não sei por que, porque todo mundo tem defeito, todo mundo tem problema” [sic].

Todas as noras entrevistadas usam de estratégias diferentes para manter uma qualidade na relação com suas sogras. A nora Safira diz usar da sinceridade: “ela é muito sincera e eu sou muito sincera, então assim a gente se dá muito bem” [sic]. Já a nora Kiara tenta se manter calma e “se fazer de surda”: “eu tento me manter bem calma . . . procuro fingir que não escuto nada, abafa” [sic]. Ficar calma também é a estratégia da nora Ágata, que também revela uma estratégia bem diferente, a de tentar se colocar no lugar da sua sogra: “uma estratégia é essa, eu me colocar no lugar dela” [sic]. A nora Angel procura ser honesta e verdadeira com a sua sogra para que elas possam ter uma boa relação, porque ela alega que: “afinal de contas são criações diferentes, idades diferentes, né” [sic]. Esmeralda, como condição de nora, usa a estratégia do respeito: “aqui eu respeito ela, eu sei que é, que é o território dela” [sic]. E por fim há a nora Jasmim, que só tenta manter o contato com a sogra pelo esposo.

**A relação muda em períodos diferentes? – para as sogras:** Para três das sogras entrevistadas a relação com a nora mudou depois da chegada dos netos. A sogra Rosa afirma que a relação dela com sua nora “mudou pra melhor, depois dos filhos mais ainda, começa a ver outros pontos” [sic]. Com a mesma opinião a sogra Hortênsia se manifesta: “antes e depois [do casamento] eu não tenho muito antes e depois, porque ela era de fora . . . mudou depois do filho, tem coisa que até mudou porque às vezes parece que tu fala e ouve, mas tem coisas que eu não sei se ouve ou finge ouvir e não, não sei te precisar, porque a gente tá junto o pouco que dá, nos finais de semana”

[sic]. A explanação da sogra Magnólia é no sentido de que: “lógico que depois dos filhos sempre muda alguma coisa, né, mais trabalho . . . Ah eu acho que foi sempre a mesma coisa, não mudou muito” [sic], o que acaba por revelar um pouco de indecisão quanto a esse aspecto, pois hora fala que mudou e depois já fala que continua a mesma coisa.

Apenas uma sogra acha que mudou depois do casamento, a sogra Dália: “gosto mais dela ainda hoje do que antes [do casamento], porque primeiro eu não conhecia ela tanto... hoje me dou bem com ela” [sic]. Para duas sogras a relação com suas noras não mudou em nada, a sogra Verônica diz que a relação não mudou em nada, desde a primeira vez que viu a nora, assim como a sogra Margarida: “Não, eu continuo a mesma” [sic].

**A relação muda em períodos diferentes? – para as noras:** Para três das noras a vinda dos filhos foi o que mudou a relação delas com suas sogras, e todas revelam que a mudança foi para melhor. Cabe ressaltar, contudo, que duas das noras entrevistadas não têm filhos.

A nora Angel diz que elas se tornaram mais próximas. Para a nora Safira também, a relação entre ela e a sogra melhorou: “com a vinda dos filhos mais ainda, porque acaba criando um laço mais forte da família” [sic]. E a nora Esmeralda relata que a vinda dos netos permitiu que elas construíssem uma nova relação, informando que logo após o casamento passaram por momentos um pouco conturbados e com a chegada das crianças as duas [nora e sogra] nunca mais se desentenderam.

Como duas das noras não têm filhos, então a mudança na relação só ocorreu entre o antes e o depois do casamento. Para a nora Ágata a relação mudou: “sim na realidade . . . antes de casar tu leva uma relação mais amena, mais só social, tudo certo, fica tudo bem, depois que tu casa, se tu mora perto é que é um agravante” [sic]. E a nora Jasmim diz que a relação com sua sogra mudou somente após um desentendimento entre ambas. Quem não relatou mudança foi a nora Kiara, que diz: “não, foi sempre igual” [sic].

## **Conclusão**

A partir desta pesquisa conclui-se que a relação entre sogra e nora não é fácil, a exemplo do que ocorre com todas as relações humanas, mas também se viu, no decorrer do trabalho, que é possível conviver e, por vezes, estabelecer um bom relacionamento, uma vez que, nos achados desta pesquisa, foram encontradas mais relações harmoniosas do que conflituosas.

As falas de sogras e noras mostraram sintonia, respeitando, naturalmente, a individualidade de cada uma. Apenas uma dupla não demonstrou compatibilidade entre suas respostas, justificada pelo fato de a nora ter se incomodado com a sua sogra, com quem, contudo, nunca falou sobre esse ocorrido.

Deve-se deixar claro que, se existem conflitos entre sogras e noras, ambas têm participação nessa conflitiva, mas por muitas vezes a culpa é colocada apenas na sogra, pois, conforme visto, a sociedade criou o mito de que a sogra é a “jararaca”. Não se pode deixar de comentar o fato de que acontecem muitas mudanças na sociedade e que, às vezes, o que é certo para uma não é certo para

outra, ou o que é considerado bom para uma é ruim para a outra, isso vai depender das gerações e também da cultura. Alguns costumes, com o passar do tempo, ficam para trás, e esses costumes nem sempre são abandonados ou modificados pelas pessoas, que mantêm o mesmo pensamento, enquanto as pessoas mais novas têm outro. Às vezes, essa discordância pode gerar alguns conflitos.

Nenhuma relação é perfeita, nem dos pais com seus filhos, que são seus descendentes; nem de marido com mulher, que é uma relação por escolha. Tanto menos será perfeita uma relação efetivada por obrigação, sem poder de escolha, como no caso de sogras e noras. Essa relação, contudo, pode ser pelo menos agradável e harmoniosa se cada uma doar um pouco de si. Com base neste estudo, pode-se considerar a relação das sogras e suas noras uma relação de vários modelos, nos quais se encontra a sogra e a nora que se amam, a nora que odeia a sogra, e as que se aturam. Nenhuma relação da dupla sogra e nora é igual à da outra dupla, todas têm as suas características e suas maneiras de ser.

A sogra tem que ter claro que não pode mudar o comportamento da nora, pois o filho ama a esposa da forma que ela é. Da mesma forma, a nora tem que respeitar a sogra, porque sem a mãe de seu marido ela teria o esposo que tem.

Conclui-se também que nesta relação familiar encontrou-se o sentimento de ódio, de amor e o simples fato de se aturarem, tanto nas seis sogras quanto nas seis noras entrevistadas. Esses são sentimentos normais em qualquer relacionamento entre seres humanos, uma vez que existem momentos em que o indivíduo sente ódio e também sente amor pela mesma pessoa, pois esses dois sentimentos andam juntos. Já o fato de ter que aturar o outro é porque esse outro, mesmo com dificuldades na relação, com o casamento, passa a fazer parte do sistema familiar ampliado.

## Referências

- Anton, I. L. C. (1998). *A escolha do cônjuge: Um entendimento sistêmico e psicodinâmico*. Porto Alegre: Artmed.
- Batista, E. (2004, setembro). *Entre o mito e o preconceito: A figura feminina na condição de sogra sob os olhares de Fialho de Almeida e Aluísio de Azevedo*. Comunicação no VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, Portugal.
- Bowditch, É. U., & Samet, A. (2004). *O desafio do relacionamento nora e sogra*. São Paulo: M. Books.
- Carter, B., McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas (Original publicado em 1989).
- Chiapin, G., Araujo, G. B., & Wagner, A. (1998). Sogra-nora: Como é a relação entre estas duas mulheres?. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 11(3), 541-550, 1998. Retirado em 16/04/2010, do SciELO (Scientific Eletronic Library Online): [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79721998000300012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79721998000300012&script=sci_arttext).
- Collange, C. (2001). *Nós, as sogras*. São Paulo: Sá.
- Emiliano, N. (2005). Uma relação delicada. *Jornal Local*. Retirado em 14/04/2011 do: <http://www.jlocal.com.br/mulher.php?pesquisa=1537>.
- Leitão, E. V. (1988). *A mulher na língua do povo*. Belo Horizonte: Itatiaia.

- Minuchin, S., & Fishman, H. C. (1990). *Técnicas de terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Sattler, M. K. Vidal, A. C., Corral, E., Alves, A. P., Camelier, E., Giongo, C. Z., Bronzatti, G., Prati, L. E., Dellazzana, L. L., Hornos, L. G., Baginski, P. H., Halpern, S. C., Menezes, C., Bichinho, G., Luz, G. L., & Soares, A. M. (2010). Uma boa relação entre sogra e nora pode ser possível? *Pensando Famílias*, 14(1), 45-62.

**Endereço para correspondência**

rafaela.sozo@hotmail.com; tayse\_riva@hotmail.com; silb@upf.br

Enviado em 05/06/2012

1ª revisão em 05/10/2012

Aceito em 22/11/2012